

As versões de envelhecimento de artistas



*Adriana Carajoinas Pinto
Beltrina Côrte*

Resumo: Com o crescimento da expectativa de vida e aumento de pessoas instaladas na velhice, no século XX, esta etapa da existência humana configurou-se como uma categoria identitária, atrelada à tonalidade afetiva negativa de perdas e decadência. Reconhecendo que os meios de comunicação têm um grande papel na criação e circulação de valores e crenças sobre a velhice em nossa sociedade, essa pesquisa teve como objetivo analisar as versões de velhice que artistas famosos envelhecidos estão criando ao falar sobre o próprio envelhecer e o que isso estaria representando. Foram selecionadas falas feitas entre julho de 2019 até julho de 2020, a partir de reportagens publicadas em veículos de comunicação online apresentadas pelos alertas na plataforma Google Notícias com 9 palavras-chaves; além de reportagens com depoimentos relevantes, indicadas pela rede social da pesquisadora, e outras encontradas nas leituras cotidianas. Levou-se em conta a relevância do veículo de comunicação; a pessoa famosa no contexto brasileiro; a/o artista ter mais de 60 anos de idade; e também o conteúdo da fala. Em uma amostra de 32 matérias identificadas pelos alertas e lidas, foram selecionadas 12 reportagens, com artistas com diferentes atuações, idades, cores e sexos, utilizando como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais na análise das falas. Os temas em comum em relação à velhice foram: 1) a relação com o corpo, 2) vitalidade, 3) trabalho, 4) destinos da velhice; e 5) finitude. A partir da análise das representações sociais, foi possível constatar que os velhos famosos estão movimentando estereótipos de uma velhice passiva e sem desejo para uma versão de velhice desejante com possibilidades de vida criativa nessa fase da vida.

Palavras-chave: artistas famosos; velhices; envelhecimento; corpo; finitude.

Introdução

Atualmente, a maioria dos estudos relacionados ao envelhecimento se justifica baseando-se no crescimento inegável da população velha no Brasil. Segundo Derbert (1999), a partir do século XIX, essa velhice configura-se como uma categoria identitária, atrelada a uma tonalidade afetiva negativa de perdas e decadência. Esse tipo de visão negativa sobre a velhice contribuiu para a marginalização e eventual exclusão social das pessoas velhas, afetando não apenas as pessoas já instaladas na velhice, mas também aqueles que estão envelhecendo. O idadismo, discriminação baseada na idade, afeta cotidianamente as relações sociais e psíquicas da população.

Observamos que no início do período da pandemia do COVID-19, primeiro semestre de 2020, o preconceito relativo aos idosos impactou toda a sociedade, e o que era mais sutil e mascarado, ficou evidente de forma aberta e marcante. O idadismo se manifestou de diferentes formas e com diferentes impactos - desde os 'memes' em redes sociais onde protagonizavam velhos de maneira estereotipada, desvalorizando o sujeito pela sua idade e atribuindo características preconceituosas como se fosse algo próprio da velhice, como também falas e ações advindas do poder público e de empresários que menosprezavam o perigo da pandemia no organismo envelhecido, chamando de "doença de velho" e assumindo que seria inevitável que velhos morressem, como algo sem importância.

Apesar da relevância dos estudos quantitativos sobre a velhice e o envelhecimento brasileiro, é importante que as/os pesquisadoras respeitem a peculiaridade de cada sujeito que envelhece, e contra discursos que pretendem apagar e inviabilizar a voz desses sujeitos. Esta pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo optou, assim, por priorizar as narrativas das pessoas velhas e o dizem sobre seu próprio envelhecer. Brandão e Mercadante (2009, p.12) afirmam que:

Se o envelhecimento é uma realidade para cada indivíduo, ela deve ser dita na primeira pessoa e vista na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um. Ouvindo o idoso, o olhar que teremos sobre ele e o envelhecimento não serão jamais os mesmos.

De maneira semelhante, estudar narrativas sobre a velhice e o envelhecimento possibilita ir ao encontro do que aponta Bosi (1994) sobre a pesquisa como um desvelar da comunidade de destino, ou seja, implicaria afetar-se com as narrativas desses sujeitos sem retorno a uma possível condição anterior. Para a autora, estudar essas narrativas implica ser sujeito e objeto ao mesmo tempo de modo que qualquer separação seria meramente didática. Nas palavras da mesma autora (1994, p.38) "sujeitos enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças".

Buscamos também realizar um estudo apoiado nas mídias digitais, pois as mais diversas áreas da psicologia reconhecem que a mídia constitui um importante papel na transmissão de valores e construção de imaginário sobre diferentes assuntos e também sobre categorias sociais, como a velhice. Para entender as representações na mídia, apoiamo-nos na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003), também conhecidas como teorias do senso comum. Para o autor a principal função de uma representação social é trazer a familiaridade ao que antes era desconhecido e, assim, a sociedade, sempre em movimentação, poderá criar versões sobre um determinado evento a partir da interação social.

Mucida (2004, p. 59), em perspectiva psicanalítica, afirma que a velhice também é um efeito dos discursos, e reconhece que o estatuto básico da psicanálise é o fato de os sujeitos serem sujeitos do desejo e contar com o movimento atemporal do inconsciente. Apesar da atemporalidade do inconsciente e do desejo, há a inegável incidência da idade e dos significantes que circulam ao redor. Desta maneira, a própria velhice aparece como um significante que leva para outro significante. Nas palavras da autora:

Aposentadoria, menopausa, andropausa, rugas, cabelos brancos etc., são significantes que, por si só, não significam nada; só tomam sentido pela forma como se inscrevem na cadeia discursiva de cada sujeito. Há algo escrito para cada sujeito antes mesmo que ele possa ler o que está escrito. Nos termos de Lacan, “antes de qualquer formação do sujeito que pensa, que se situa aí - isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali como contador”. Se reconhecer-se como contador de sua história é importante a todo sujeito, na velhice isso é primordial já que a tendência da cultura atual é despojar o idoso da sua posição desejante.

Dados recentes do IBGE (2017) nos revelam que mais de 70% dos domicílios brasileiros tem acesso a internet e a tendência é o aumento desse número. Outra informação interessante para a pesquisa é o fato que 98,8% dos domicílios brasileiros possuem acesso a televisão, e a audiência das emissoras abertas nacionais tem um público em sua maioria maior de 50 anos de idade. Com a televisão e internet integradas na realidade brasileira, elas não são apenas responsáveis pela criação de produtos midiáticos de ampla circulação e popularidade, mas também são capazes de criar celebridades que influenciam as audiências das mais diversas maneiras e diferentes gerações.

Os grandes nomes do teatro, das novelas, da música brasileira influenciaram e ainda influenciam ativamente o imaginário brasileiro e também a própria constituição da cultura nacional. É difícil encontrar algum brasileiro que não reconheça o impacto das novelas da rede Globo e suas estrelas, os movimentos da música brasileira, como o samba e a tropicália, o teatro de arena, o novo cinema brasileiro.

Agora, as estrelas, que as gerações que acompanharam desde quando o rádio era um dos principais meios de comunicação, estão envelhecidas. Se por um lado, fora dos meios de celebridades, existem os velhos que envelheceram junto com essas celebridades, também existe a geração jovem que acompanha, ou ao menos conhece esses artistas. A partir disso, surgem os questionamentos: O que esses

artistas envelhecidos falam sobre sua velhice? O que estão representando? Como isso reverbera nessas diferentes gerações?

Metodologia

Para analisar as representações de velhice que circulam na mídia, de forma geral, optou-se por fazer um estudo exploratório baseado nas falas dos artistas considerados idoso-idosas, com mais de 60 anos, e também aqueles considerados pessoas públicas, de amplo conhecimento em diferentes setores da sociedade. Foram selecionados depoimentos feitos entre julho de 2019 e julho de 2020, e desta maneira, a coleta aconteceu ao longo de todo período da elaboração da pesquisa.

Para ter acesso a essas ‘falas da velhice’, optou-se por selecionar reportagens publicadas em veículos de comunicação online. Dessa maneira, a busca se deu a partir da criação de alertas na plataforma Google Notícias com as seguintes palavras-chave: (1) velhice-artistas; (2) velhice-famosos; (3) cantor-velhice; (4) cantora-velhice; (5) atriz-idosa; (6) ator-idoso; (7) envelhecimento-famosos; (8) velhice-famosos; (9) envelhecer-famosas, entre outros materiais colhidos pela pesquisadora.

Os critérios de seleção das falas foram em relação: a relevância do veículo de comunicação onde foi publicada; a relevância da pessoa famosa no contexto brasileiro; a/o artista possuir mais de 60 anos de idade; e o conteúdo da fala. Dentro de uma amostra de 32 matérias identificadas e lidas, foram selecionadas 12 reportagens de artistas com diferentes atuações, idades, aspectos étnico-raciais e sexos variados. Algumas delas estavam presentes em vídeo-reportagens e foram transcritas para fins de análise.

O que os entrevistados dizem?

Sônia Braga, 70 anos, atriz, apresentadora e produtora, em entrevista à *Vogue Brasil* - O Globo¹, em 06/09/2020, comenta o retorno às novelas. Diva máxima e nome mais famoso do cinema nacional no Brasil e no exterior, ela volta às telas com *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Em conversa exclusiva com a revista *Vogue*, a atriz abre o jogo sobre envelhecer, a vida em Nova York e sua extraordinária trajetória na dramaturgia:

“Meu cabelo é uma metáfora muito importante para mim. Mas, cabeleireiros, vocês não vão ter que sujar mais a mão e usar aquela luvinha – não quero pintá-los nunca mais”, diz empolgada, desfazendo o coque que estava sustentando toda a sua cabeleira grisalha desde o começo do nosso papo. “É uma sensação de liberdade muito grande, de normalidade, de natureza mesmo. Agora me reconheço melhor, e combina mais com meu rosto. Fora que sou tão saudável, me incomodava demais aplicar toda aquela química na cabeça.”

¹ <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Cinema/noticia/2019/09/sonia-braga-cede-entrevista-vogue-brasil-e-comenta-retorno-novelas.html>

Caetano Veloso, 77 anos, músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro, em entrevista ao Uol – na seção *Glamurama*², no dia 23/09/2019, fala sobre velhice e possível turnê na Ásia na matéria intitulada: “Voos longos são terríveis para um organismo senil”. Diz em sua entrevista:

“Vivo a velhice com curiosidade. Reconheço os incômodos e as limitações, mas não creio que ser jovem significa necessariamente ser mais feliz. Há uma alegria na juventude – a alegria física da intensidade do sexo e da impressão de grande distância da morte – que é inegável. Mas alguém pode ser muito infeliz aos 25 e muito mais feliz aos 80. Quando escrevi “O homem velho” eu ainda não sentia as diferenças do envelhecimento. Apenas percebia que estava me aproximando. E meu pai tinha morrido (aos 82). Agora, diante de convites para irmos à China, ao Japão e à Oceania, só fecho com Tom na tendência a não aceitar, por causa da velhice. Voos longos são terríveis para um organismo senil. Muitos dias são necessários para a gente se recuperar. Mesmo assim, ainda estou em dúvida quanto à ida à Ásia”

Elba Ramalho, 67 anos, cantora, compositora, multi-instrumentista e atriz brasileira, em entrevista à *Revista Marie Claire* – Globo, seção *Cultura*³, no dia 05/09/2019, diz:

“Não sinto o envelhecer como um fardo que está pesando nos meus ombros, nem um empecilho para produzir coisas. Me sinto vivaz, jovem, com muita saúde e disposição para seguir. Sou muito serena no meu dia a dia, tenho uma vida de regras, claro, como outros artistas como Ivete, que tem carreira de palco dinâmica. Tenho cuidado com a alimentação, rezo, medito, fico em silêncio, compartilho muitas coisas com amigos, isso me ajuda bastante.”

Gilberto Gil, 78 anos, cantor, compositor, instrumentista, produtor musical, na matéria do *Correio* (Bahia), seção *Entretenimento*⁴, no dia 05/02/2020, tendo como manchete “Sou delicado por natureza”, fala sobre sua casa, afeto, velhice e show. Diz ele:

“Na velhice, o alvoroço mental começa a diminuir muito. E o físico, então, nem se fala. Já não dá pra sair por aí, gastando suor (risos). Sou muito delicado por natureza, muito manso por natureza. Então acho que é isso que acaba determinando o padrão do sentimento dessas pessoas em relação a mim”.

²<https://glamurama.uol.com.br/caetano-veloso-fala-sobre-velhice-e-possivel-turne-na-asia-voos-longos-sao-terriveis-para-um-organismo-senil/>

³<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/09/elba-ramalho-nao-sinto-o-envelhecer-como-um-fardo.html>

⁴ <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sou-delicado-por-natureza-diz-gilberto-gil/>

Ao ser questionado sobre se arrepende da vida, que não o deixa fazer as coisas, ele simplesmente responde com a seguinte frase:

“Não, é parte da velhice. É um dos aspectos fundantes da velhice... A velhice? Não, ela está chegando. Agora é que ela está se instalando propriamente. São 77 anos de idade, 78 agora em junho, já posso considerar a idade da velhice. Para uns, a média é por aí. Para outros, talvez um pouco mais prolongada. A gente nunca sabe. Eu estava pensando ontem sobre as vantagens e desvantagens. São muitas: o apaziguamento com a quietude, por exemplo, porque a quietude na juventude é um esforço”. E complementa: “A conformidade, conforme a idade”.

Elza Soares, 82 anos, cantora e compositora, em entrevista à R7⁵ em 06/11/2019, declarou o seguinte:

“Eu ainda não envelheci. O dia em que envelhecer, eu falo. Eu tenho um público jovem que precisa muito de mim, e eu preciso muito deles também”.

Perguntada sobre como as limitações físicas a afeta desde seu acidente, a artista diz:

“Força de vontade é tudo. Quando eu chego no palco, eu esqueço que tenho coluna operada. Isso me impossibilita muito de caminhar. Mas, ali no palco, naquela cadeira, eu faço miséria (...) Eu continuo a mesma. A Elza viva. Com os mesmos sentidos e desejos. Seguindo a vida. A que você conheceu de salto 15 dançando e cantando no palco”.

Tarcísio Meira, 84 anos, ator, em entrevista à revista *Veja*⁶ no dia 06/12/2019, explica porque continua trabalhando com a saúde debilitada, lamentando a falta de papéis na TV. Diz Tarcísio:

“A morte me assusta. Ninguém gosta de pensar que o fim está chegando. É triste também lidar com a perda dos amigos. Daqui a pouco, vou eu. Talvez deixe um vazio nas pessoas” (...) “Artista não se aposenta. Quer trabalhar, enquanto houver trabalho para ele. Isso não tem idade: existe sempre a mesma vontade de fazer as coisas”.

Em relação à sua saúde, diz:

“Chego ao palco de cadeira de rodas também. Tempos atrás, arbenteei o menisco e fui operado três vezes. Sempre me ofereceram colocar

⁵ <https://estudio.r7.com/nao-envelheci-ainda-o-dia-que-envelhecer-eu-falo->

⁶ <https://veja.abril.com.br/entretenimento/tarcisio-meira-a-morte-me-assusta/>

uma prótese, e eu recusei. Agora, venho me apresentando num teatro com muitas rampas. Achei mais cômodo usar uma cadeira de rodas. Talvez fosse mais educado atender o público de pé. Mas, me perdoem, estou cansado demais para isso” (...) “Os autores não acreditam que existam velhos na família brasileira, nem que eles tenham papel relevante. Sabe como é, são jovens autores, que se preocupam com os jovens. O que eles deveriam saber é que hoje são as pessoas de idade que passam mais tempo na frente da televisão assistindo às novelas. E essas pessoas sempre acompanharam minha carreira e a da Glória. Quando Boni me chamou para O Tempo e o Vento, eu tinha quase 50 anos. Acreditava que estava velho para o papel. Mas ele dizia: ‘Eu quero que você faça o Capitão Rodrigo’”.

Lília Cabral, 63 anos, atriz, em entrevista ao O Globo⁷ no dia 28/10/2019, comentou que *“No cinema, você tem que expor sua velhice, rugas, pele. Foi um desafio. Sempre busquei personagens imponentes, e agora apareço toda desconjuntada”.*

Marco Nanini, 72 anos, ator, diretor de teatro, humorista, dramaturgo e produtor teatral e autor, também em entrevista ao O Globo⁸ no dia 15/09/2019, fala sobre o desafio de interpretar um enfermeiro gay e solitário no filme ‘Greta’, em que expõe o corpo de 71 anos em cenas de sexo: *“Queria fazer um trabalho que falasse de um homem envelhecendo e acertando as contas com a vida. Em que pudesse mostrar o meu corpo envelhecido. Não quero fingir que não envelheço”.*

Antônio Pitanga, 81 anos, ator e diretor, no dia 13/06/2020, faz uma análise do racismo no Brasil e da atual crise na cultura ao Huffpost Brasil⁹:

“Quando eu falo que velho não faz revolução é porque nessas décadas vividas eu tinha pernas para correr. A cabeça continua girando a mil. O [poeta] Waly Salomão dizia que isto aqui [a cabeça] é uma ilha de edição, está tudo guardado. Agora, quando eu vejo essa juventude atuante em várias áreas da cultura, eu percebo que tenho um atalho. Eu posso me incorporar. Posso não estar deitado em berço esplêndido, mas vivo de pé para compor com esse pensamento jovem — que é também o meu, que não envelheceu. A idade e as pernas podem estar mais velhas, mas a cabeça está jovem porque eu dialogo com eles [pessoas mais jovens]. Eu quero discutir com eles, eu quero beber da fonte deles. Eu quero viver essa realidade que parece com o ontem, mas é diferente. É 2020. Eu quero estar conversando, aprendendo,

⁷<https://oglobo.globo.com/cultura/lilia-cabral-no-cinema-voce-tem-que-expor-suas-rugas-velhice-24045419>

⁸ <https://oglobo.globo.com/cultura/nao-quero-fingir-que-nao-envelheco-diz-marco-nanini-23947479v>

⁹ https://www.huffpostbrasil.com/entry/antonio-pitanga_br_5ee15c5cc5b6b74caf873733

crecendo com essas novas cabeças. Não posso ficar no passado. Aí eu envelheceria mesmo. 'Na minha época era assim.' Não, a minha época é agora."

Rita Lee, 73 anos, cantora, compositora, multi-instrumentista, atriz, escritora, e reclusa há 8 anos, afirmou em entrevista ao *Fantástico*¹⁰ no dia 31/05/2020 *"Fiquei com vontade de viver a minha velhice solitária"*. Ela e o marido Roberto de Carvalho vivem isolados em sítio na grande São Paulo. De lá, ela falou sobre isolamento social e sua opção de vida:

"Eu já sou uma profissional [em quarentena]. De repente eu me vi envelhecendo, e o envelhecer pra mim foi uma surpresa, porque eu nunca fui velha [risos]. Fiquei com vontade de viver minha velhice afastada dos palcos, não dividindo isso com o público. Meu jeito de me expressar no palco não tinha limites físicos, eu ficava de ponta cabeça, eu caía no chão, eu mostrava a bunda, eu fazia palhaçada, era uma delícia. Ficando velha, o corpo físico não me permite fazer o que eu fazia".

Questionada sobre sua idade, disse: *"É uma fase de feitiçaria feminina, eu acendo incensos, eu rezo, eu benzo a casa, perfume. Então eu tenho as minhas feitiçarias que me inspiram a vontade de continuar vivendo apesar dessa loucura toda que está acontecendo no mundo. Eu gosto das minhas rugas, eu respeito as minhas pelancas. Eu já fui loura, já fui ruiva, já tive o cabelo da cor do sol, agora os meus cabelos tem a cor da lua, são brancos".*

Lima Duarte, 90 anos, ator, diretor de telenovela, radialista, dublador e apresentador, no dia 06/05/2020, em entrevista à *Revista Quem – Globo*¹¹ comenta sobre o vídeo que fez em homenagem a Flávio Migliaccio, que acabara de morrer, aos 85 anos, por suicídio: "Devastação dos velhos". No vídeo, Lima Duarte diz:

"Eu te entendo, Migliaccio, porque eu, como você, sou do Teatro de Arena, com Paulo José, Chico de Assis, com o (Gianfrancesco) Guarnieri. Foi lá que aprendemos com o (Augusto) Boal que era preciso, era urgente que se pusesse o brasileiro em cena [...]. Agora, quando sentimos o hálito putrefato de 64, o bafio terrível de 68, agora, 56 anos depois, quando eles promovem a devastação dos velhos, não podemos mais. Eu não tive a coragem que você teve".

¹⁰<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/31/fiquei-com-vontade-de-viver-a-minha-velhice-solitaria-revela-rita-lee-reclusa-ha-8-anos.ghtml>

¹¹<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/05/lima-duarte-faz-video-flavio-migliaccio-devastacao-dos-velhos-assista.html>

Jean-Claude Bernardet, 83 anos, de origem francesa e nascido na Bélgica (1936), veio para o Brasil aos 13 anos e aqui terminou seus estudos e fez carreira como professor, teórico de cinema, crítico cinematográfico, cineasta e escritor. Em entrevista à *Revista Piauí*¹² no dia 07/2019, intitulada ‘O corpo crítico’, conta por que se rebelou contra o sistema médico-hospitalar:

“Viver o maior tempo possível virou dogma. Festejar o centenário em vida virou um desejo, não necessariamente dos indivíduos centenários, mas das pessoas em seu entorno. Quem está doente se trata, não tem conversa. Doente que não se trata morre. Esses princípios são considerados naturais porque indispensáveis à manutenção do gigantesco sistema médico que precisa da nossa longevidade e das nossas doenças para lucrar [...]. Tempos atrás, e bem antes da volta desse câncer de próstata, postei no Facebook um texto curto intitulado ‘Longevidade e capitalismo’”:

“A longevidade é uma necessidade industrial. Laboratórios farmacêuticos, fabricantes de máquinas de ponta para diagnósticos por imagem, dentre outras finalidades, e hospitais precisam da nossa ‘bio’ – o que não quer dizer ‘nossa vida’ – para lucrar, sendo que a manutenção da ‘bio’ independe da qualidade de vida. Uma forma de resistência a essa ala do capitalismo consistiria em privá-la da nossa bio, isto é, da sua fonte de riqueza. Acredito que eu, com humor (levo o humor a sério), sugeriria uma ‘reapropriação’ de nossos corpos por meio do suicídio consciente e lúcido [...] Vivo num clima de morte, respiro a morte. Não é o câncer. Parte da sociedade quer acabar com o grupo social ao qual pertenço. A opressão me sufoca. Há pessoas que negam o Renascimento e se voltam para uma pretensa Idade Média totalmente inventada, masculina, branca, cristã, despojada de todo espírito crítico – e guerreira”.

Narrativas sobre as vivências

A partir de leitura cuidadosa dos materiais selecionados, foi possível identificar algumas temáticas comuns em relação à fala dos artistas. Dessa maneira, a análise se dividirá em temáticas comuns em relação a sua vivência: (1) a relação com o corpo, (2) vitalidade, (3) trabalho, (4) destinos da velhice e (5) finitude.

O corpo: entre a estética e os limites corporais

Então o enigma da velhice apareceu para Rita Lee: ela, que nunca foi velha, se viu instalada na velhice. Podemos entender esse susto descrito por ela a partir de Freud (1976, p.301) quando discorre sobre o conceito do estranho familiar, no qual afirma que esse enigma “não é nada novo ou alheio, porém algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo do recalque”.

¹² <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-corpo-critico/>

Rita representa suas “marcas corporais da velhice” com respeito e positivamente. Finaliza com uma fala delicada sobre a aceitação do cabelo grisalho, colocando-o como cabelo cor de lua. É interessante que ao falar sobre seu cabelo, fala sobre outras cores que ele já foi e passa a sensação de naturalidade, sem tonalidade afetiva negativa em relação a isso.

O cabelo branco e questões relacionadas a estética aparecem de maneira acentuada nas artistas mulheres, como por exemplo com Sônia Braga, que utiliza a aceitação dos cabelos grisalhos como metáfora para aceitar sua própria velhice, e por exemplo o grande desafio de Lília Cabral de aparecer no cinema expondo suas rugas, velhice, pele. Esse grande desafio também aparece como uma novidade em sua carreira, se diz “desconjuntada.”

O uso da palavra desconjuntada é interessante de analisar quando pensamos sobre a significação das marcas da velhice como uma espécie de “espelho quebrado”, com marcas que mostram o despedaçamento do ideal de eu jovem que circula socialmente. Segundo Messy (1999) essa percepção de desconjunção descrita por Lília faz ressurgir o fantasma do corpo despedaçado, que remete a experiência de um retorno do passado, no estágio do espelho, uma vivência de despedaçamento, na velhice sem a antecipação de algo a se adquirir, pois as mudanças em curso não oferecem novas aquisições por parte do sujeito. Ainda, Mucida (2004) indica que essa perda das imagens não tem uma possível reparação, o sujeito terá que se conformar e adaptar, fazer um trabalho para adequar o seu desejo com o real da idade.

Como exemplos dessa adaptação, com uma perspectiva interessante para se pensar no bem-estar e valorização da velhice, como algo positivo tem as falas de Rita Lee e Sônia Braga, com seus cabelos cor de lua, um astro celeste que brilha no meio da noite iluminando a todos.

Ainda sobre a questão estética, é notável que tanto para Lília, quanto para Marco Nanini, a exposição do corpo envelhecido foi um desafio e também algo que os dois procuraram como uma novidade. Relembrando que Mucida (2004) afirma que a velhice é também um efeito de discursos, cada época e cultura tratará a velhice com valores diferentes. Com o atual culto à juventude e a produtividade, a partir de um discurso capitalista, tornou-se quase imperativo que se procure apagar ou tentar esconder a passagem do tempo inscrita no corpo, No conceito da “bela velhice”, ou seja, a velhice que tem uma representação desejável é justamente a que não se mostra como a velhice.

Segundo Calazans & Fonseca (2019) envelhecer bem é não envelhecer, mas sim manter um corpo “sem marcas” e ativo. Assim, o processo de assumir e querer mostrar o corpo envelhecido abre espaço para essas marcas e rompe com a ideia vigente do único corpo possível de ser representado, o corpo jovem. Apesar de reconhecer o uso de procedimentos de estética e de métodos farmacológicos como uma possibilidade de promover um bem-estar e lidar com ‘um certo desamparo’¹³

¹³ Segundo Chérix (2015, p. 45) pode-se entender na velhice que esse desamparo pode advir de um desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo temporal que está envelhecendo, e afirma:

que se pode encontrar na velhice, a fragilidade corporal e os limites físicos se impõem de alguma maneira.

Os limites corporais aparecem na fala de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Rita Lee em uma lembrança do passado, no seu tempo de juventude onde se apresentavam de maneira mais frequente, e também podia realizar sem limites, como bem conta Rita Lee. Inclusive, para abordar a temática da entrada na velhice, tanto Caetano quanto Rita recorrem às limitações corporais em comparação ao passado. Gil, reconhece que há uma possibilidade de continuar atuando em shows pois teve uma vida inteira de treino sistemático, mas a saúde é uma demanda maior e tem suas limitações.

No caso de Elza Soares e Tarcísio Meira, esse limite corporal aparece por causa de complicações com a saúde, mas eles encontraram maneiras de lidar com esse real do corpo: Elza “faz miséria” em seus shows, sentada na cadeira, e Tarcísio apresenta-se em locais com rampas e utiliza a cadeira de rodas para contornar as dificuldades de andar.

A partir dessas narrativas, é possível observar a dicotomia entre um psiquismo desejante e um corpo fragilizado que impõe limites de realização possíveis. De acordo com Chérix (2015), o trabalho que esses artistas tiveram que fazer foi de abrir mão de certos ideais narcísicos e reposicionar-se, subjetivamente, em relação a sua rotina, usos do corpo, disponibilidade para shows e até mesmo utilizar objetos (tecnologias assistivas) que os ajudem, de maneira criativa, frente às problemáticas apresentadas pelo corpo envelhecido.

A vitalidade e criação são apenas coisas de jovens?

Elba Ramalho não sente o envelhecer como um fardo, pois se sente jovem. Elza Soares nos conta que não envelheceu ainda, e Antônio Pitanga afirma que seu pensamento não envelheceu, utiliza os termos de ‘pensamento jovem’ para falar sobre sua atividade incessante, de estudo e aprendizagem, sendo que para o artista, não estar discutindo e não produzindo seria sim uma forma de velhice.

Os artistas citados, e também os outros artistas presentes na pesquisa, de alguma maneira indicam que estão ativos nas produções culturais: Sonia Braga acaba de participar de um filme de repercussão internacional, Elba Ramalho, Gilberto Gil e Caetano em turnês, Tarcísio Meira, Marco Nanini e Lília Cabral contam sobre seus novos personagens, Elza Soares participa de shows ao redor do Brasil e lançou um novo álbum recentemente. Pensando na produção desses artistas, pode-se pensar que estão longe das imagens que circulam no imaginário de uma velhice sem possibilidade de realização, criatividade ou criação. Dessa maneira, surge um questionamento: qual a necessidade de apegar-se a uma fase anterior, a juventude, para poder representar que esse sujeito é capaz de produzir e ser desejante?

Leite e Gomes (2007, p. 94) indicam que este posicionamento deve-se a ideia do “velho de alma jovem” ou seja, para que envelhecer seja suportável ocorre uma associação com a juventude: “De que, ainda na velhice, vivamos como jovens”.

“Diante de um futuro desconhecido e da morte, o Eu tem que redesenhar sua história e sua imagem”.

É possível entender também certa tentativa de distanciamento com o que é lido como características da velhice, como indica Mercadante (1997), um esforço de escapar das generalizações negativas da velhice, fazendo com que os próprios velhos não queiram se identificar com a velhice, pois uma das características negativas atribuídas, erroneamente, a essa faixa etária é a impossibilidade de criatividade e desejo, como se vivessem apenas esperando o momento da morte.

Assim, é possível entender que a utilização da expressão 'juventude da alma' nos depoimentos dos artistas representa a possibilidade de manter-se desejante na velhice, e não algo próprio apenas da juventude. Criação e vitalidade, como aspectos únicos da juventude, surgem nas falas destes velhos artistas, como Elza Soares, quando fala sobre sua velhice: ela continua a mesma, com os mesmos sentidos e desejos, seguindo sua vida.

No mestrado em gerontologia *"A capacidade de criação envelhece? Questões que nos fazem pensar se tudo tem tempo e hora para acabar..."* Gonçalves (2006) analisa as obras realizadas por Henri Matisse e Pablo Picasso no final de suas obras e vidas, e questiona o 'discurso' social que afirma que "a criatividade é uma qualidade do jovem" e "um artista, quando velho, só consegue se repetir", etc. Aponta que, em sua pesquisa, deparou-se com a criatividade destes artistas em constante transformação, indicando que a velhice não é empecilho para a criatividade. Assim, observa-se que velhices desejantes e criativas são possíveis, sem a necessidade de associação/valorização da juventude, por meio da criação cotidiana - invenção e redefinição – como possibilidade de realização durante toda a vida, até o fim.

O trabalho: artista se aposenta? ou é aposentado?

As velhas e os velhos presentes nessa pesquisa não são figuras anônimas, mas sim artistas amplamente reconhecidos. De acordo com Concone e Ximenes (2010), a noção de trabalho, em nossa sociedade, está atrelada a uma produção fabril, sendo que os artistas não considerados 'trabalhadores', lembrado no bordão "Fulano tem vida boa, é artista".

Bosi (1994) estudiosa da memória social e da lembrança dos velhos, debruçou-se nas memórias dos trabalhadores da cidade de São Paulo e suas narrativas. A autora indica que, em uma sociedade industrial, o velho perde a força de trabalho e assim é desvalorizado. Mucida (2004) aborda o 'sentimento de culpa' que daí decorre, em uma sociedade que tanto preza a produção, um sentimento de culpa por não estarem envolvidos na produção de bens materiais úteis.

No caso dos artistas, objetos desta pesquisa, de maneiras diferentes eles continuam criando e expressam o desejo de continuar atuando em suas áreas. Tarcísio Meira afirma que artista não se aposenta, que a vontade de continuar criando continua igual em todas as idades. Ao mesmo tempo, o ator reconhece que na sua idade, são poucos os personagens interessantes que aparecem, junto com uma denúncia sobre a falta de espaço que os escritores jovens dão aos idosos nas produções midiáticas, e ressaltando: quem realmente assiste novelas são pessoas mais velhas.

Como as estatísticas mostram, ele está correto, e nos convida a refletir sobre como esse grupo não consegue ver suas especificidades nas telenovelas, pois o imperativo do jovem está presente nas narrativas de maneira hegemônica. Levanta também a questão sobre a possibilidade de o artista envelhecido não desejar se aposentar, pois o trabalho evita a alienação e tem um sentido subjetivo atrelado a esse, mas que acaba "sendo aposentado" pois não encontra lugar nas produções midiáticas, seu mercado de trabalho.

Antônio Pitanga aborda sua relação com o trabalho: percebe que, mesmo com suas limitações físicas, encontra na juventude um atalho para se incorporar. Segundo o artista, sua idade e pernas podem estar velhas, mas sua cabeça não, graças a sua abertura às ideias dos jovens atuais. Finaliza contando que não pode ficar no passado e que seu tempo é o agora. De um lado, Antônio Pitanga revela que para acompanhar o ritmo atual, tem que beber de uma 'fonte de juventude' - para "rejuvenescer" seu pensamento - mostrando a abertura que encontrou de participar.

Sua abordagem sobre 'seu tempo ser hoje' nos aproxima da abordagem de Mucida (2004), quando reflete sobre a temporalidade em Freud e Lacan, que indica a impossibilidade do passado ser morto, ele é sempre reatualizado. Como afirma Antônio, que se apropria da atualidade como seu tempo, seu momento, buscando novas formas de tratar esse seu dado de realidade.

Outra questão abordada nas narrativas desses artistas também é o ritmo e a rotina do trabalho. Como citado anteriormente ao discutir a questão do corpo envelhecido, os artistas tiveram que fazer uma adequação e desenvolver estratégias compensatórias para lidar com estas exigências do trabalho.

Tótor (2017) reflete, de forma interessante, sobre uma subjetividade não institucionalizada e como a arte pode ajudar a pensar nessa relação de criação de si na vida. Retomando a origem da palavra arte, que vem do latim *ars*, é possível ver como ela implica uma ação, técnica e habilidade. Seguindo essa linha de raciocínio, a autora faz uma proposta de um *envelhecimento artista*, como possibilidade de 'ser agente de si'.

Assim, podemos refletir sobre o trabalho artístico ser uma via para criar uma velhice potente, conseguindo expressar e transformar o luto das perdas, em relação a outras fases da vida e perdas corporais, em potência para lidar com essa nova fase da vida. Assim, quando Tarcísio Meira afirma que 'artista não se aposenta', pode considerar a possibilidade aberta para se reinventar via o exercício profissional.

Destinos da velhice: humor, sabedoria e quietude

A velhice enquanto categoria social identitária (Debert, 1994) pode servir para indicar possíveis características sociais e biológicas, mas como bem assinala Mucida (2004) nos fala pouco ou nada sobre cada sujeito considerando sua história e particularidade. Dessa maneira, ao estudar a velhice, encontramos velhices plurais e também as diversas maneiras de lidar com tudo que essa fase da vida pode vir a ser.

Mucida (2004) assinala que a velhice é um momento no qual o fantasma da finitude, aproximando ao real, difícil de simbolizar, que surge como perdas e modificações.

Portanto, como bem assinala Lima, *et.al.* (2011) talvez a capacidade de desenvolver um olhar humorado acerca de si, da sua vida e da sua morte, seja uma tarefa da velhice.

Marco Nanini, conhecido por seus papéis relacionados à comédia na dramaturgia, brinca que sua foto pode ser para o obituário, aproximando a finitude de maneira bem humorada. Jean Claude Bernardet, contando sobre sua batalha contra o controle biomédico do seu corpo doente e envelhecido - e principalmente do controle de sua vida, revela - com humor levado a sério - sobre a reapropriação do controle por meio do suicídio, consciente e lúcido, trazendo à tona temas tabus como morte, velhice, doença, suicídio. Podemos aqui pensar com Slavutzky (2005), que coloca o humor como uma forma de brincar não apenas com a seriedade sobre si e sua finitude, mas também com a seriedade da sociedade em relação às temáticas.

Segundo Lima *et.al.* (2011, p. 1597), essa habilidade de olhar para si com humor pode contribuir para criar uma atitude simbólica em relação à angústia - o que a pessoa já foi e não poderá mais ser - pois a morte está cada dia mais próxima. Dessa forma, o humor pode funcionar para “aceitar que toda verdade é parcial, e poder sorrir de seus defeitos, bem como de todo ser humano, aceitando assim as imperfeições da vida”.

Outro exemplo de atitude bem humorada em relação a própria vida e velhice é a de Rita Lee, na sua espera pelos extraterrestres. A artista conta que desejou passar sua velhice afastada dos palcos e dos holofotes, rodeada pela natureza e seus animais, vivendo uma fase de feitiçaria feminina, com todos os seus rituais. Elba Ramalho também utiliza de rituais e silêncio como uma forma de se proporcionar bem-estar na velhice. Outra artista, não citada na pesquisa, que passou sua velhice em situação semelhante, foi a escritora Hilda Hilst, que se mudou para a Casa do Sol, em Campinas, para viver sua velhice rodeada da natureza e criando, à sua maneira, suas poesias. Essa espécie de quietude aparece também em Gilberto Gil, quando pondera sobre os aspectos negativos e positivos da velhice, colocando o apaziguamento com a quietude - que na juventude era uma dificuldade -, como vantagem.

Ao mesmo tempo em que circula a ideia de que a velhice é uma fase ligada à passividade e quietude, constatamos que essa representação não é uma verdade para todos. Mas, é interessante observar como essa quietude pode ser algo desejado - uma opção - como forma de lidar com a velhice, não implicando que ela seja um momento de simplesmente esperar sua morte, mas um importante momento de reflexão sobre sua jornada.

Observamos ainda nas falas desses artistas o conceito de sabedoria proposto por Erikson (1998), no qual a sabedoria entra como uma virtude que conduz o olhar para rever o passado, integrando as ambiguidades e inevitabilidades da vida de maneira a aceitar essas movimentações do eu e que, ao mesmo tempo, conduz o olhar para o futuro, de maneira a estabelecer um sentido do que foi vivido e para o final da vida. Dessa maneira, a sabedoria proposta por Erikson envolve a habilidade de “equilibrar o sentido de coerência e plenitude pessoal com o desespero perante a

finitude e a proximidade da morte, além de aceitar falhas e omissões do passado" (LIMA *et.al.* 2011, p.1062).

Finitude: como lidar com o spoiler do fim da vida?

No clássico livro de Guimarães Rosa (1908-1967) *Grande Sertão: Veredas*, o jagunço Riobaldo cumpre uma jornada, no sertão de Minas Gerais, refletindo sobre temas como violência, amor, vida e morte. Segundo ele, "a gente morre é para provar que viveu", colocando a morte como intrinsecamente ligada e condição para o próprio viver.

Freud (1974) escreve que ninguém acredita na própria finitude, pois o inconsciente faz crer na imortalidade e, ao mesmo tempo, que a morte é o óbvio resultado de vida, "cada um deve à natureza uma morte, natural, inegável e inevitável" (p. 57). Assim, como não há um registro no inconsciente sobre a morte, essa aparece como parte de um inominável, efetivo e real que demanda um tratamento.

Atualmente, o tema da morte tornou-se um tabu para a sociedade no século XX, e está cada dia mais apartada em sua relação com a vida comum (Àries,1977), mas como bem coloca Kovacs (2005) falar sobre a morte, assim como a velhice, se tornou uma espécie de 'conspiração do silêncio' na sociedade. Mas as notícias sobre as mortes que ocorrem no cotidiano, causadas por acidentes, doenças, crimes violentos, entre outros motivos possíveis, continuam circulando nas mídias.

Com a pandemia da COVID-19, esta temática da morte tornou-se dominante nas narrativas midiáticas, sem os recursos para que ocorresse elaboração do luto coletivo dessas mortes, devido aceleração de casos e a irresponsabilidade governamental com a vida e morte de tantos brasileiros. Um assunto tabu virou manchete diária!

Assim como uma vida, não pode ser definida genericamente, a morte também é um acontecimento único para cada indivíduo, que deve lidar com esta questão de maneira própria. Como as marcas da velhice escancaram a ficção da imortalidade, é necessário tratar na velhice esse futuro que antes parecerá sempre longe e incerto e agora se aproxima.

Para Caetano Veloso, a questão da finitude apareceu em sua fala ao observar que sua idade atual se aproxima da idade de quando seu próprio pai faleceu. Gilberto Gil acredita que, com o passar do tempo, a ideia da morte como algo disruptivo e assustador já não tem tanta força, mas aparece algo quase como que natural, como diz na sua frase "a conformidade, conforme a idade".

Já Tarcísio Meira mostra que a morte o assusta, e constata que a maior parte dos amigos já estão mortos, e seu impacto nas pessoas durante a vida. Isso vai ao encontro do que afirma Mucida (2004) de que não há velhice sem um luto, mas é necessário que esse período seja vivido para continuar o movimento da vida.

Outro aspecto relevante em relação à finitude é a denúncia que Jean Claude Bernardet faz em relação ao fato que "viver mais tempo e afastar a morte de qualquer maneira" virou um dogma na sociedade capitalista, sem se preocupar de

fato com os sujeitos que habitam um corpo doente, ou com a qualidade de vida desses sujeitos.

Nas narrativas dos artistas aqui citados, podemos constatar que surgem diferentes maneiras de encarar a morte e o processo na velhice, e como processar o luto é importante, nessa fase da vida, onde há um inegável aumento de mortes ao redor do sujeito velho. Mucida (2004, p. 155) aponta que o rearranjo a partir do luto nem sempre é uma nova forma de vestir seus desejos, podendo causar estados depressivos. Segundo a autora, a cultura atual promove "muitas vezes, uma morte social para o idoso, provocará o encontro com outra morte, bem mais cruel que a morte real, da qual nada sabemos".

As palavras de Lima Duarte em relação à devastação dos velhos foram proferidas em um vídeo no qual reflete e homenageia seu amigo e ator Flávio Migliaccio, que tirou sua vida no primeiro semestre de 2020, que deixou um travo de desesperança na velhice no país. Se de um lado temos a denúncia de Jean Claude Bernardet sobre uma impossibilidade de dar dignidade ao momento final da vida, Lima Duarte nos mostra outra face violenta em relação à velhice, cujo tratamento possível para a fragilização em vários níveis acarreta um sofrimento imensurável para tantos velhos e velhas.

Se temos uma institucionalização e uma tutela da velhice, podemos enxergar como ela se estende também na morte. Frente a essa condenação ao silenciamento e a morte em vida, a qual a sociedade atual condena a velhice, é necessário um engajamento e enfrentamento coletivo para que a velhice e o processo de morrer se conjugue novamente com um digno processo do viver, como bem aponta Jean Claude Bernardet.

Considerações Finais

A partir da análise dos grandes temas que surgiram nas falas desses velhos artistas, é notável como muitos estereótipos relacionados à velhice tornam-se fracos perante a diversidade de maneiras de viver a vida e sua velhice. Mas, ao mesmo tempo, observa-se a permanência de alguns estereótipos negativos presentes, o que nos possibilita observar a movimentação interna desses velhos no esforço de reconhecer a velhice como um processo natural, e que merece ser explorada, e não apenas como um preparo para a morte, mas como potência de vida.

Em relação a isso, Moscovici (2003) bem afirma que as representações sociais operam na própria existência e dentro de um grupo social, tanto dos fenômenos enraizados como do que está em movimento. Um bom exemplo disso é a existência simultânea da ideia que a criatividade, um valor associado a juventude, sendo proferida pelos velhos artistas que causam impacto, até os dias atuais, com a criatividade artística.

Como falamos de velhices plurais, encontramos diferenças e também semelhanças entre seus discursos. Podemos observar que na fala das artistas mulheres a questão do corpo relacionado a estética aparece mais forte do que em relação dos homens artistas. Além de falarem mais sobre questões estéticas, também mostram

opiniões diferentes em relação a aceitar ou não seu corpo envelhecido e as marcas da velhice na sua aparência.

O fato de todos os velhos e velhas pesquisados serem parte da classe artística pode ter sido fundamental para compreender como chegaram a essas reflexões, recusando a ideia de uma velhice essencialmente passiva. Desta maneira, poder exercer sua profissão e continuar criando se tornou um grande aliado neste processo. Com a arte, mesmo com as pernas enfraquecidas, esses artistas conseguem explorar os caminhos trilhados e se propõem a explorar as possibilidades que têm à frente.

Ainda segundo Moscovici (2003), a principal função de uma representação social é tornar aquilo que não é familiar, em familiar. Dessa maneira, quando temos contato com a expressão dessas velhices, que desafiam as representações negativas e cristalizadas, vemos como estão criando possibilidade para todos, em todas as idades.

Como uma jovem pesquisadora me envolvendo com o tema da velhice e o envelhecimento, realizar esse trabalho me fez ser sujeito e também objeto, como apontado por Bosi (1994). Observar essas falas de velhice me fez pensar que quando eu estiver instalada na minha velhice, ser chamada de "velha" não será algo que será encarado como algo negativo.

Ao mesmo tempo em que eu, jovem, estou envelhecendo com referências de velhices desejantes, considero ser importante fator de bem-estar para pensar e aceitar meu próprio envelhecimento. Seria interessante a realização de pesquisas em relação como as pessoas velhas anônimas reagem às falas destes artistas velhos e famosos.

Que bom é poder ver Rita Lee com seus cabelos de lua e Gilberto Gil, delicado por natureza, abordando a vida e a velhice com curiosidade: amigos a vida inteira, a refestança agora também está instalada na velhice! Também, a honra de ter contato com Jean Claude Bernardet e sua rebeldia consciente, ligada a sua vivacidade e apropriação de si e seu bem-estar; Elza Soares e Tarcísio Meira, grandes estrelas que com desejo e brilho superaram barreiras físicas; Marco Nanini impactando todas as gerações com a utilização do humor para encarar a vida, a velhice e suas intempéries; Caetano Veloso e Antonio Pitanga com a consciência que o mundo deles é hoje, aproveitando o presente, mas considerando o passado e o futuro também.

Que Lília Cabral e Elba Ramalho, recém-instaladas na velhice, façam uma boa jornada nessa nova fase e que Sônia Braga consiga, cada vez mais, se sentir parte dessa natureza que tanto lhe faz bem. E que, com as fortes palavras de Lima Duarte, a velhice não seja destinada a devastação, mas sim à luta criativa, como se todos fossemos artistas da vida cotidiana, por uma velhice desejante e potente.

Referências

ARIÉS, P. *A História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BRANDÃO, V., & MERCADANTE, E. F. *Envelhecimento ou Longevidade?* São Paulo, SP: Paulus, 2009.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALAZANS, F. & FONSÊCA, A. O culto da jovem velhice: reflexões sobre a boa forma e a performance da mulher velha contemporânea. *Biblioteca Digital da Compós*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_233NY7417HPA72H5OTH8_28_7797_22_02_2019_10_31_17.pdf

CHERIX, K. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. *Revista da SBPH*, 18(1), 39-51, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003

CRUZ, R. 'Não envelheci ainda. O dia que eu envelhecer, eu falo. 2019. Em R7 - Estúdio. Disponível em: <https://estudio.r7.com/nao-envelheci-ainda-o-dia-que-envelhecer-eu-falo-10112019>. Acesso em: 06 nov. 2019.

DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. Edusp, 1999.

ERIKSON, E. H. *The life cycle completed* (Extended version with new chapters on the ninth stage of development by Joan Erikson). New York, NY: W. W. Norton, 1998. (pub. original de 1982).

ERIKSON, E. H.; ERIKSON, J., & KIVNICK, H. *Vital involvement in old age*. New York, NY: W. W. Norton, 1986.

FERNANDES, L. 'Sou delicado por natureza', diz Gilberto Gil. 2020. Em PORTAL CORREIO. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sou-delicado-por-natureza-diz-gilberto-gil/>. Acesso em: 05 fev. 2020.

FORTUNA, M. Ator fala do desafio de interpretar um enfermeiro gay e solitário no filme 'Greta', em que expõe o corpo de 71 anos em cenas de sexo. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/nao-quero-fingir-que-nao-envelheco-diz-marco-nanini-23947479>. Acesso em: 15 set. 2019.

FREUD, S. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* [1915]. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.

FREUD, S. *O estranho* [1919]. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VXIII.

GEREMIAS, P. Elba Ramalho: "Não sinto o envelhecer como um fardo". 2019. Em REVISTA MARIE CLAIRE. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/09/elba-ramalho-nao-sinto-o-envelhecer-como-um-fardo.html>. Acesso em: 05 set. 2019.

GLAMURAMA. Caetano Veloso fala sobre velhice e possível turnê na Ásia: “Voos longos são terríveis para um organismo senil”. 2019. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/caetano-veloso-fala-sobre-velhice-e-possivel-turne-na-asia-voos-longos-sao-terriveis-para-um-organismo-senil/> . Acesso em: 23 set. 2019.

GONÇALVES, M.P. *A capacidade de criação envelhece?* Questões que nos fazem pensar se tudo tem tempo e hora para acabar.... 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Dados sobre População do Brasil, PNAD* (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), 2017.

KOVACS, M.J. Educação para a morte. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgg7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?lang=pt>

LEITE, E.F.; GOMES, M.R. Velho de alma jovem? Representações do idoso nas mídias. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2575>

LIMA, P. M. R., VIANA, T. C., & LAZZARINI, E. R. Velhice? Acho ótima, considerando a alternativa: reflexões sobre velhice e humor. *Mal-estar e Subjetividade*, 2011. 11(4), pp.1597-1618.

MARTINS, S. Tarcísio Meira: ‘A morte me assusta’ Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/cultura/tarcisio-meira-a-morte-me-assusta/>. 2019. Em VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/tarcisio-meira-a-morte-me-assusta/> . Acesso em: 06 dez. 2019.

MERCADANTE, E.F. *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Editora Aleph. (1999) (2ª. ed.).

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELLO, Nô. Sonia Braga cede entrevista à Vogue Brasil e comenta retorno às novelas. 2019. Em Vogue Brasil. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Cinema/noticia/2019/09/sonia-braga-cede-entrevista-vogue-brasil-e-comenta-retorno-novelas.html> . Acesso em: 06 set. 2019.

REVISTA PIAUÍ. *O corpo crítico*. São Paulo. Edição 154. julho de 2020.

QUEM, Revista. Lima Duarte faz vídeo a Flávio Migliaccio: "Devastação dos velhos"; assista. 2020. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/05/lima-duarte-faz-video-flavio-migliaccio-devastacao-dos-velhos-assista.html>. Acesso em: 06 mar. 2020.

RISTOW, F. Lilia Cabral: 'No cinema você tem que expor suas rugas e velhice'. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/lilia-cabral-no-cinema-voce-tem-que-expor-suas-rugas-velhice-24045419>. Acesso em: 28 out. 2019.

SLAVUTZKY, A. O precioso dom do humor. In A. Slavutzky & D. Kupermann (orgs.), *Seria trágico...se não fosse cômico: Humor e psicanálise*. (2005, pp. 201-228). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

TERTO, A. 6 lições do mestre Antônio Pitanga para as novas gerações. Em Huffpost Brasil (2020). Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/antonio-pitanga_br_5ee15c5cc5b6b74caf873733. Acesso em: 13 jun. 2020.

TÓTORA, S. Envelhecimento ativo: proveniências e modulação da subjetividade. *Revista Kairós: Gerontologia*, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 239-258, mar. 2016. ISSN 2176-901X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i1p239-258/23081>.

XIMENES, M.A.; VILLAS BÔAS CONCONE, M.H. Velhice e trabalho, uma relação possível? *Revista Kairós: Gerontologia* [S.l.], v. 12, fev. 2010. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2681>

Data de recebimento: 27/05/2021; Data de aceite: 25/06/2021

Adriana Carajoinas Pinto – Estudante do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este artigo foi extraído do Relatório Científico de Pesquisa de Iniciação Científica aprovada pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, subsidiado pelo PIBIC-CNPq com fomento e desenvolvido no período de agosto de 2019 a julho de 2020, sob orientação da Profa. Dra. Beltrina Côrte. E-mail: adrianacarajoinas@gmail.com

Beltrina Côrte - Graduada em Jornalismo, Especialização e Mestrado em Planejamento e Administração do Desenvolvimento Regional, Doutorado e Pós-Doc em Ciências da Comunicação, USP. Docente da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Atua na área da Gerontologia, com concentração em Gerontologia Social, e na divulgação científica com o Web site Portal do Envelhecimento, Revista Longevidade, Editora Portal Edições e Espaço Longevidade. Orientadora do Projeto de Iniciação Científica. E-mail: beltrina@pucsp.br